



## EXPERIÊNCIAS DO CONSÓRCIO CONTRA A VIOLÊNCIA SEXUAL NO DISTRITO DE MOGOVOLAS

### Contexto

O Fórum Mulher é uma rede feminista para a promoção da igualdade de género e dos direitos humanos das mulheres em Moçambique. É uma organização não-governamental de direito privado e sem finalidade lucrativa, constituída em 1993, com 96 organizações membros com representação em todo país, através de núcleos provinciais, organizações locais e de base comunitária.

O Fórum Mulher está a consolidar a sua intervenção no distrito de Mogovolas, onde desde 2018 está a apoiar o fortalecimento da participação cidadã através das acções de mobilização comunitária e formação de mulheres, raparigas, líderes comunitários/os, e funcionárias públicas para a promoção dos direitos humanos das mulheres.

No contexto da iniciativa Spotlight, coordenada pelo Governo de Moçambique, com o apoio da União Europeia e das Nações Unidas, foi criado um Consórcio contra

a Violência. O referido Consórcio é constituído pelas seguintes organizações: a WLSA Moçambique (líder do consórcio), o Fórum Mulher (que representa o consórcio ao nível no distrito de Mogovolas e Angoche), a Associação Sócio- Cultural Horizonte Azul (ASCHA) e a Kutenga (cidade de Xai-Xai, Chongoene e Chicualacuala), Ophenta (cidade Nampula e distrito de Moma) e Lemusica (Tambara e Mossurize).

O Spotlight tem como objectivo contribuir para um país onde cada Mulher e Rapariga viva livre de todas as formas de Violência, tais como, Violência Sexual, Violência Baseada no Género (VSBG) e todo o tipo de Práticas Nocivas (PN) e para que mulheres e raparigas possam desfrutar dos seus Direitos Sexuais e Reprodutivos (SDSR).

<sup>1</sup> Este número está acima do valor encontrado em 2011, pelo Inquérito Demográfico e de Saúde 408 mulheres morrem em cada 100 mil nascimentos.

## NOSSOS OBJECTIVOS

- Prevenir e combater a violência sexual contra mulheres e raparigas, através da divulgação das leis nacionais que regulam este tipo de crime, questionando e desafiando as normas culturais que retiram das mulheres, o direito de ter o controlo do seu corpo e que justificam e constroem a desigualdade de género.
- Combater as normas sociais que impedem mulheres e raparigas de controlarem os seus próprios corpos, sexualidade e reprodução.

## O QUE ALCANÇAMOS:

### Resultados

Maior envolvimento e participação de líderes comunitários das actividades. Actualmente estes/as são responsáveis por fazer as réplicas das informações obtidas nas formações, nas suas comunidades e apoiam no resgate das raparigas em uniões prematuras e forçadas, assim como no encaminhamento de casos de violência para as entidades competentes. Os/as mesmos/as afirmam que graças às formações, passaram a compreender que entregar uma rapariga numa união prematura é violar os seus direitos e tirar a oportunidade de fazer as suas próprias escolhas.

Aumento do número de denúncias de casos de violência; só nós últimos seis meses, foram registadas 52 denúncias contra 40 do mesmo período do ano anterior.

Crescimento da colaboração com as autoridades locais e como resultado, estas têm participado das actividades e apoiado na mobilização comunitária.

## Província: Nampula



### Mogovolas:

As acções das activistas do Fórum Mulher e Luarte nestes distritos abrangeram, em um mês, cerca de 4.552 pessoas com a seguinte distribuição por posto administrativo e localidade:

### MAPA DO DISTRITO DE MOGOVOLAS

#### Posto Administrativo De Luluti:

Localidade de Naholoco: foram feitas sensibilizações em fontenárias, mercados (locais de maior aglomeração de mulheres), barracas e efectuaram-se actividades de campanha porta-a-porta. Estas actividades abrangeram 124 Raparigas e 187 Mulheres; 81 Rapazes e 92 Homens.

Localidade de M'puto, de igual modo, nesta localidade, houve sensibilizações em mercados, fontenárias, barbearias, estação de chapa, paragens de táxi-mota, machambas e realizou-se também campanha porta-a-porta, tendo abrangido: 195 Raparigas e 142 Mulheres; 97 Rapazes e 77 Homens.

#### Posto Administrativo De Muatua:

Localidade de Mavuruta: foram feitas sensibilizações sobre a temática de Direitos Sexuais e Reprodutivos, Violência Baseada no Género (VBG) e uniões prematuras e forçadas. Estas actividades abrangeram: 122 Raparigas e 136 Mulheres; 96 Rapazes e 83 Homens.

Localidade de Namarepo: nesta localidade, houve sensibilizações em mercados, fontenárias, barbearias, estação de chapa, paragens de táxi-mota, machambas e foram realizadas campanhas porta-a-porta onde foram abrangidas: 113 Raparigas e 112 Mulheres; 77 Rapazes e 93 Homens.

#### Posto Administrativo De Nanhupo Rio:

Localidade de Nantira: as sensibilizações e formações abrangeram: 109 Raparigas e 163 Mulheres; 65 Rapazes e 73 Homens.

Localidade de Namachepa: foram abrangidas: 110 Raparigas e 108 Mulheres; 87 Rapazes e 117 Homens.

#### Posto Administrativo De Calipo

Localidade de Calipo Sede: 103 Raparigas e 111 Mulheres; 177 Rapazes e 193 Homens.

#### Posto Administrativo De Nametil – Sede

Localidade de Rieque: abrangidas: 119 Raparigas e 120 Mulheres; 90 Rapazes e 102 Homens.

#### Nametil – Sede

Bairro de Namacarro A, B e C: abrangidas 133 Raparigas e 116 Mulheres; 47 Rapazes e 32 Homens; Bairro de Meluli A e B: foram sensibilizadas/os: 100 Raparigas e 91 Mulheres; 32 Rapazes e 31 Homens. Bairro de Mutacaze: sensibilizadas/os: 62 Raparigas e 65 Mulheres; 22 Rapazes e 20 Homens. Bairro de Mucororo: sensibilizadas/os: 50 Raparigas e 41 Mulheres; 19 Rapazes e 17 Homens.

## Cresce consciência sobre os direitos da mulher e rapariga em Mogovolas



Flora Segundo, coordenadora do programa, entregando folhetos de sensibilização ao administrador de Mogovolas.

“Cresce o nível de consciência da população do distrito de Mogovolas, Província de Nampula, sobre os Direitos Humanos das Mulheres, graças às campanhas contínuas de sensibilização às comunidades sobre os males causados pela violência doméstica e gravidezes precoces”. A afirmação acima é do administrador do distrito de Mogovolas, Isalde das Neves Adamije Ussene, que congratulou o trabalho do Fórum Mulher na educação das comunidades contra a violência doméstica, uniões prematuras e forçadas e gravidezes precoces. “Digo que o Fórum Mulher está a apoiar, porque é nossa responsabilidade como Governo educar as comunidades e contribuir para que homens e mulheres vivam num mundo justo e igualitário”, disse. Segundo o administrador, antes desta campanha, as comunidades de Mogovolas eram passivas, sobretudo no que concerne a denúncia de actos de violação dos direitos da Mulher e da Rapariga. Isalde Ussene afirmou que tem feito parte das campanhas e assegurou que oito meses depois do início destas actividades, nota-se uma mudança de atitude no seio das comunidades. Ainda segundo a mesma fonte, as comunidades já se aproximam às autoridades competentes para denunciar casos de violência e uniões prematuras. “Muitas mulheres não faziam denúncias contra os seus violadores por falta de conhecimentos, mas hoje há mudanças significativas”, reafirma. A mesma situação estende-se às lideranças comunitárias que recorriam a métodos, muitas vezes, inadequados para resolver problemas relacionadas com violação dos direitos da Mulher e da Rapariga.

O administrador apelou às outras organizações da sociedade civil a seguirem o exemplo do Fórum Mulher e Luarte, para que o país, em geral e Mogovolas, em particular, livre-se destes males.

O distrito de Mogovolas tem 415.409 habitantes, dos quais 51.8 por cento são mulheres.

É objectivo da campanha é consciencializar as comunidades e as famílias sobre os Direitos Humanos e das Mulheres e em particular, as implicações do sistema patriarcal e suas práticas nocivas no que respeita a Violência baseada no Género e uniões prematuras, com enfoque para a (Violência Sexual).

## Aumentam denúncias de casos de violação sexual de menores



Faife António, Chefe do Gabinete de atendimento à Família e Menores Vítimas de Violência

De acordo com o chefe do Gabinete de Atendimento à Família e Menores Vítimas de Violência, no distrito de Mogovolas, Faife António, o aumento de número de denúncias é resultado do trabalho do colectivo de activistas do Fórum Mulher e Luarte, que realizam campanhas e palestras de sensibilização junto às comunidades, com o objectivo de persuadir as mesmas a abandonarem este tipo de práticas.

Em termos numéricos, o distrito registou, só nos últimos seis meses, 52 casos comparado com 40 casos do mesmo período do ano anterior. “Houve aumento de 12 casos graças ao trabalho do Fórum Mulher, que pela sua importância está a contar com muita colaboração de instituições governamentais como é o caso do Gabinete que dirijo, a Saúde e Acção Social”, disse.

O chefe do Gabinete disse que deste número, 35 foram casos criminais, como violência física, patrimonial, moral, violação de menores e maus tratos.

Faife mostrou-se preocupado com casos de violação de menores, mas reconhece que o trabalho do Fórum Mulher está a despertar a consciência das comunidades que já percebem que este é um mal e que somente com acções colectivas e coordenadas será possível caminhar para um Mogovolas livre da violência contra as mulheres e raparigas. “Felizmente, hoje já são poucos aqueles criminosos que escapam às acções penais previstas por Lei, porque a sociedade, em particular as famílias, já cooperam, fazendo a devida denúncia para que esses casos cheguem até aos órgãos de administração da justiça”, disse.

Para o chefe do Gabinete, os casos de violência de menores estão maioritariamente ligados a questões tradicionais e de convivência familiar e, quando não, os familiares encobrem os malfeitores, situação que preocupa as autoridades policiais porque, por vezes, estes aspectos têm terminado em tragédia mortal. “Não encontramos outra explicação quando um homem adulto, com 30 anos de idade ou mais, viola uma criança com apenas dois anos”, disse Faife António, para quem esses criminosos não podem estar a procura de satisfação sexual.

Faife acrescenta ainda que, a instituição que representa tem estado a reunir sinergias com o Fórum Mulher como estratégia para ampliar as vozes e alcançar maiores comunidades possíveis. “Nós falamos das implicações da violência e explicamos que sendo violência um crime público, qualquer pessoa pode fazer denúncia ligando ou dirigindo-se a uma esquadra mais próxima. As activistas explicam as várias formas que perpetuam ciclos de violência, as práticas machistas e patriarcais que justificam essa violência”. Explicou.

## HISTÓRIAS DE VIDA

Fátima Linda José, matrona de 56 anos de idade é uma das beneficiárias das acções do Fórum Mulher, no distrito de Mogovolas. Conta que fazer parte dos programas deste movimento mudou a sua vida, porque com as capacitações recebidas, aprendeu a compreender os seus direitos. Fátima José esteve casada durante 20 anos, união de muitos abusos que resultou em cinco filhos. “Fui abusada pelo meu marido de tal forma que acabei abandonando o lar. Porque não conhecia os meus direitos voltei para casa dos meus familiares apenas com as crianças, sem no



Fátima José

entanto, exigir a partilha dos bens, uma vez que também contribui para a formação do nosso lar”, conta.

Relatou que foi ao lar com 18 anos de idade, instruída para ser submissa ao seu marido, o que significa satisfazer todos os seus desejos dele sem questionar. “Passei por muitas ofensas, incluindo violência física e psicológica, mas achava aquela situação muito normal por falta de conhecimentos e hoje, graças às capacitações, não aceito mais abusos”, disse Fátima.

Como activista, formada pelo Fórum Mulher, Fátima não mede esforço para capacitar e sensibilizar outras mulheres a não aceitar a violência, uniões forçadas e gravidezes precoce nas suas comunidades.

Fátima afirmou ainda que com os conhecimentos que adquiriu tem ajudado outras mulheres, sobretudo raparigas, pois mudou a sua forma de abordagem como matrona. “O Fórum Mulher abriu-me a vista sobre os meus direitos. Hoje até as minhas formações mudaram. Antes direccionava os meus conselhos apenas para o lar, que o papel da mulher é de servir o homem e gerar filhos, mas hoje procuro mostrar as raparigas que devem valorizar os estudos e protegerem-se contra gravidezes precoces e doenças de transmissão sexual”, conta.



Catarina Alfredo

“Sou **Catarina Alfredo**, o único documento que tenho diz que tenho 33 anos de idade, mas na verdade são 44 anos, sou mãe de 8 filhos. Fui entregue a um casamento, pelos meus pais, quando eu tinha apenas 16 anos.

Nessa altura eu mal sabia sobre sexo, porque eu era apenas uma criança que tinha muitos sonhos e planos para a vida. O homem para o qual fui entregue tinha mais de 40 anos de idade e já era casado com outras mulheres, eu era apenas mais uma. Foi uma relação de muito abuso e violência.

Na altura em que me casei com ele, eu era virgem e a primeira relação sexual foi a pior da minha vida, ele simplesmente violou-me e fiquei uma semana com dores. Aos 17 anos eu já estava grávida e tive o primeiro filho. Mas quando eu estava na 7ª gestação fui atacada por várias doenças incluindo a tuberculose, daí que decidi ir pedir para fazer teste de HIV e deu positivo. Quando sentei para lhe explicar sobre a doença ele me acusou de ser puta, de ter trazido desgraça na vida dele e de lhe contaminar e por isso decidiu me abandonar com todas aquelas crianças, sabendo que eu dependia dele. Ao longo do mesmo ano descobri que a minha filha mais nova também tinha HIV e já iniciou o TARV.

Tive que encontrar formas de continuar a sobreviver mesmo sem ele e cuidar dos meus filhos. Voltei a casar-me com outro homem mas desta vez não aceitei ir viver com ele, ele teve que se mudar para minha casa e viver com meus filhos.

Com este, eu quis pessoalmente, casar, eu escolhi a ele e decidi ser aberta e honesta com ele para que não apanhasse a mesma doença que eu tenho. Eu informei-me da minha condição de saúde e da minha filha e quando decidimos ter filhos fomos fazer juntos, o tratamento para que não houvesse nenhuma infecção. Hoje meu negócio está a andar, faço parte do grupo de poupança, vendo meus bolinhos de trigo para sustentar a casa e não depender de homem nenhum”.

### **Vizinho aborta uma violação sexual**

Abiba Aiuba é uma rapariga de 16 anos de idade, estudante de 9ª classe que por pouco ia ser violada pelo



seu cunhado, esposo de sua irmã, com quem morava, desde os seus nove anos de idade, com o objectivo de ajudar o casal a cuidar do bebé que acabava de nascer. A rapariga conta em primeira mão que ainda em tenra idade, o seu cunhado começou a manifestar comportamento estranho, criando sempre condições para que ela o visse nu. “Aproveitava aqueles momentos em que a minha irmã estivesse ausente para fazer-me propostas estranhas”, disse a rapariga, acrescentando que uma das estratégias do seu cunhado para alcançar os seus intentos, era deixar propositadamente a toalha no quarto quando fosse tomar banho, para depois pedir que a menina fosse entregar-lhe, na casa de banho.

Quando se apercebeu das manobras do seu cunhado, Abiba Aiuba tratou de alertar a irmã que tinha medo de ficar só com o seu cunhado, mas infelizmente, ela nunca lhe levou à sério, chegando mesmo a pensar que a irmã não gostava do seu marido.

Certo dia, segundo Abiba, o seu cunhado voltou do serviço e encontrou-a a dormir na varanda com o bebé, “ele quase me tirava a saia, mas graças a um vizinho que viu a partir de sua casa, o que estava a acontecer, evitou-se o pior”.

A rapariga conta que o vizinho, rapidamente se aproximou do cunhado e repreendeu-o vigorosamente. “Para o meu cunhado, eu assim como a minha irmã éramos suas mulheres e como estavam numa fase em que minha irmã não podia dar sexo, olhava para mim como alternativa”, disse a menina, salientando que para o seu cunhado, ela e sua irmã eram propriedades, uma vez que ele havia lobo-lado a sua irmã.

Grças ao vizinho, a irmã da Abiba passou a dar razão às suas queixas e, revoltada com a situação, decidiu colocar ponto final no seu casamento e retornar à casa dos seus pais com a sua irmã.

Abiba está a estudar, espera ter um futuro brilhante e espera, igualmente, ser ela mesma a fazer a escolha do homem com quem poderá se casar futuramente.



**GALERIA**



## FICHA TÉCNICA

**Título:** Suplemento Informativo **Propriedade:** Fórum mulher–Coordenação para a Mulher no Desenvolvimento **Revisão Linguística:** Ezra Nhampoca **Direção Executiva:** Nzira de Deus  
**Direção de Programas:** Maira Domingos **Administração e Finanças:** Leonilde Lumbela **Coordenação editorial:** Aida Nhavoto, Flora Segundo e Joana Macie  
**Colaboradores:** Ercília Manhique, Graça Julio, Julia Mpfumo, Catarina Magaia, Sheila Mandlate, Assunção Siteo, Lidia Mambo, Arcelio Sebastião  
Florinda Bila, Milagre Chambe, Pinto Camanguira, Amâncio Mucavele  
Rua Vila Namuali, nº 246, R/C C.P 3632 MAPUTO Tel./ Fax: 258 21414037/258823113920 | Data: Setembro 2020

